

O ESTREITAMENTO DA DICOTOMIA URBANO-RURAL: O CASO DO BAIRRO LOMBA GRANDE, DE NOVO HAMBURGO, RS

Carolina Strack Rostirolla
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Aurelio Strack
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a aproximação do urbano e do rural, para compreender o funcionamento da relação entre esses dois espaços. Para ilustrar essa questão, realizou-se um estudo em Lomba Grande, que é considerado o bairro rural do município de Novo Hamburgo, RS. O presente trabalho consiste, assim, em pesquisa de caráter exploratório e explicativo. Definiram-se os seguintes critérios de análise: história, processo de crescimento, concepção do rural, comportamento de vida da população local e tradições. Constatou-se que o referido bairro empenha-se em manter de forma harmoniosa a relação entre o rural e o urbano; entretanto, em razão de sua história e cultura, inclina-se para o meio rural.

Palavras-chave: Urbano. Rural. Espaço. Lomba Grande.

1 INTRODUÇÃO

É necessária a compreensão sobre o modo de vida dos que residem em determinado local, visto que ele está intimamente conectado aos costumes, valores, necessidades e capacidades do povo que ali vive, ou seja, sua cultura. Em relação a isso, Lindner (2012, p. 20) afirma que “pensar como um espaço se organiza requer buscar entender toda a dinâmica de seus habitantes, suas vivências, sua cultura e suas formas de pensar o lugar”. São notórias as transformações recentes do meio rural e das relações deste com o meio urbano. O rural deixa de ser sinônimo de agrícola e passa a ser considerado como uma ótima opção para melhorar a qualidade de vida. Além disso, em razão da necessidade de geração de renda, propagam-se novas oportunidades para sua população, adequando-se à realidade atual. Lindner (2012, p. 20) preleciona:

[...] diversificação das atividades fez com que o rural deixasse de ser tido apenas como um espaço agrícola, e seus habitantes como agricultores. Isto é fruto da mudança do sistema produtivo que liberou mão-de-obra no campo, acelerando a necessidade de se buscar novas alternativas de

renda, visando garantir a reprodução socioeconômica de seus habitantes, numa busca de adaptação à nova realidade.

Nessa mesma direção, Rua (2006) observa que está ocorrendo uma acepção moderna do conceito rural, onde os recursos do campo passam a ser valorados de forma diferente. O campo está passando por uma adaptação diante do capitalismo. Segundo Lindner (2012), o raciocínio capitalista fez com que o campo incorporasse alguns elementos ditos como urbanos, principalmente no que se refere à comunicação e bens materiais que geram mais praticidade e comodidade para seu dia a dia.

Para Veiga (2007, p. 13), “[...] a cidade e o campo se casaram, e enquanto ela cuida de lazer e trabalho, ele oferece liberdade e beleza”. A modernização dos espaços está relacionada à disponibilidade, no rural, do chamado conforto urbano, principalmente nas questões relacionadas às tecnologias da comunicação e à acessibilidade. Nessa perspectiva, Wanderley (2000, p. 128) realça:

A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente “paridade social”, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como padrão de “conforto urbano”.

Com isso tudo em vista, o presente artigo tem por finalidade explorar a aproximação do urbano com o rural, para responder ao questionamento: como funciona a relação entre as dimensões urbana e rural no bairro de Lomba Grande, pertencente ao município de Novo Hamburgo? Para esclarecimento dessa problemática, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos, demonstrando a simetria entre o urbano e o rural: análise do conceito do “novo rural” brasileiro e estudo da realidade de Lomba Grande.

Visando a alcançar os objetivos propostos neste artigo, adotou-se a pesquisa aplicada no que se refere a sua natureza. Quanto aos objetivos, a pesquisa foi exploratória e explicativa, em razão da necessidade de investigar as características do objeto estudado e de entender os cinco preceitos: história, processo de crescimento, concepção do rural, comportamento de vida e tradições e de como eles se apresentam na região estudada. Já no que diz respeito à abordagem do problema, lançou-se mão da pesquisa qualitativa.

Em relação aos procedimentos técnicos, ou seja, à forma pela qual os dados foram obtidos para a estruturação da pesquisa, optou-se, em razão das particularidades do assunto escolhido, pela pesquisa documental e bibliográfica. Empreendeu-se, também, pesquisa de levantamento, na forma de diálogo com moradores do bairro, possibilitando a compreensão da cultura do espaço estudado. Ademais, foram utilizados documentos, por vezes inéditos, recolhidos do acervo pessoal de determinados membros da população.

Dessa forma, este artigo está estruturado em dois grandes eixos: contextualização sobre ruralidade e a análise do bairro de Lomba Grande, além das considerações finais.

2 O NOVO RURAL

Hoje, o rural difere-se em muitos aspectos da forma como era conceituado até meados da década de 1980. O meio agrícola e seu entorno eram totalmente voltados para a subsistência daqueles que habitavam esse espaço. Não restavam outras oportunidades para um pensar diferente. Em plena década de 2010, porém, são marcantes as adaptações do rural em face do capitalismo. RUA (2006) denomina esse fenômeno de “ressignificação do rural”, no qual as características naturais tornam-se artigos inestimáveis. O autor complementa que “[...] o rural permanece como tal, mas recriado e integrado a novas lógicas” (RUA, 2006, p. 87).

Veiga (2007, p. 14) ratifica:

[...] a idéia de que a dimensão ambiental da globalização age no sentido de tornar as áreas rurais cada vez mais valiosas à qualidade de vida, ou ao bem-estar, pela ação de uma espécie de trindade: conservação do patrimônio natural, aproveitamento econômico das decorrentes amenidades, e exploração de novas fontes de energia.

De fato percebe-se, por meio dos autores, que são perceptíveis as modificações da ruralidade em respeito à articulação com as cidades, em busca de novas alternativas de agregação de renda. Os recursos naturais passam a ser percebidos como oportunidades de desenvolvimento.

Favareto (2006, p. 5) estabelece que três são as dimensões, em vista da teoria social, que elucidam a ruralidade e que sofreram alterações no decorrer do tempo, a saber: “[...] a proximidade com a natureza, a ligação com as cidades e as relações interpessoais [...]”.

Em referência à primeira dimensão, que trata da proximidade com a natureza, é importante destacar que os recursos naturais assumem um novo olhar, como objetos de novas funções sociais, com ênfase na conservação do meio ambiente e na preservação da biodiversidade. No que diz respeito à aproximação com as cidades, quanto maior a integração intersetorial de suas economias, maior a possibilidade de sucesso, ou seja, o rural deixa de ser apenas exportador de bens primários e passa a diversificar sua atuação. Já as relações interpessoais referem-se ao fato de a diversidade estar dando lugar à homogeneidade (FAVARETO, 2006).

Procedendo a um resgate histórico, identificou-se que, durante a década de 1980, houve o nascimento de uma nova configuração do meio rural brasileiro, vinculada à

necessidade de adequação desse espaço à realidade capitalista. Silva *et al.* (2002) ponderam que esse “Novo Rural”, como está sendo intitulado, é formado por três grandes grupos de atividades: a) as agroindústrias, que são as atividades relacionadas à transformação das matérias-primas provenientes da agricultura, pecuária, aquicultura ou silvicultura; b) um agrupamento de atividades não agrícolas, conectadas às atividades industriais e de prestação de serviços; e, por fim, c) um conjunto de diferentes atividades agropecuárias, propelas por nichos especiais de mercado. Essas atividades, segundo o autor, “[...] foram recriadas não apenas com uma roupagem nova, mas também com um conteúdo novo” (Silva *et al.*, 2002, p. 40), ou seja, houve agregação de valor às tradicionais cadeias produtivas agroindustriais.

As ideias expostas compatibilizam-se com o pensamento de Silva (1997), o qual realça que o mundo rural não é mais apenas um conjunto de atividades agropecuárias ou agroindustriais. O rural passou a concentrar outros tipos de ocupações, demonstrando que a melhor qualidade de vida da população rural não se restringe somente à modernização agrícola.

Os ofícios contemporâneos oportunizaram a incorporação da renda, que, anteriormente, estava unicamente vinculada à agricultura. Campanhola e Silva (2000) enfatizam que essas novas atividades são assumidas como uma fonte de renda alternativa para as famílias rurais, que em grande parte dependiam exclusivamente da agricultura. Acrescentam que, “[...] por essa razão, o meio rural não pode ser considerado como espaço exclusivamente agrícola [...]” (CAMPANHOLA E SILVA, 2000, p. 13). Destacando a principal contribuição do Projeto Urbano¹, Favareto (2006, p. 38) explana:

A reafirmação da ideia de que já não se pode caracterizar mais o meio rural brasileiro como estritamente agrário e nem mesmo agrícola. Para os coordenadores do projeto, o meio rural ganhou novas funções e “novos” tipos de ocupações: atividades de lazer em feriados e fins de semana, moradia a um segmento crescente da classe média alta, atividades de preservação e conservação da natureza, o abrigo de um conjunto de profissões antes tipicamente urbanas. E uma das implicações desse diagnóstico está no fato de que o desenvolvimento rural poderia ser alcançado pelo estímulo de um conjunto relativamente amplo dessas pequenas atividades não agrícolas no meio rural.

Outra maneira de perceber a nova ruralidade brasileira é a de que o meio rural tem-se tornado opção como local de moradia. O estresse nos centros urbanos tem chegado a tal ponto que uma parcela da população está migrando para o campo. Silva *et al.* (2002) ressaltam que essa conjuntura evidencia as novas funções do meio rural, incorporando atividades além da produção de alimentos.

¹ Nota técnica elaborada nos marcos do Estudo para o Planejamento Territorial do Plano Plurianual 2008-2011 do Governo Federal brasileiro.

É importante destacar a premência da aproximação entre o rural e urbano nessa nova realidade, ou seja, a evolução da relação urbano-rural. É possível apontar a diversificação como um dos segredos para o êxito dessa relação. Favareto (2006, p. 6) pontua que é ela “[...] que garante o suprimento da população local, que cria as condições para a introdução de inovações e a adaptação destes territórios às pressões e contingências advindas das mudanças econômicas mais gerais”.

Nota-se, no entanto, que essa ligação entre urbano e rural não significa que passaram a representar uma coisa só, cada um resguardando suas características únicas. Discorrendo sobre o rural, Lindner (2012, p. 20) observa que “[...] não é possível dizer que este ‘urbaniza-se’, pois ainda que absorvendo características do modo de vida dito urbano, ele ainda conserva características peculiares à vida e aos costumes rurais”.

Veiga (2006, p. 85) tece importantes considerações sobre essa abordagem:

Define-se uma lógica capitalista em que novas representações do espaço emergem e vão ser difundidas como um “novo rural”. Na verdade são novas imagens, novos sentidos para o espaço rural que mantêm a visão produtivista, até agora dominante, mas que traduzem em novos qualificativos para outras relações entre o espaço urbano e o rural e entre a cidade e campo. Estas novas relações remetem para outra conceituação de urbano e rural, mas também de agrícola. Rural torna-se, cada vez mais, diferente do agrícola. Ao mesmo tempo, distingue-se cidade e urbano explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano fundem-se mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades.

Diante do exposto, adotou-se como critérios norteadores as cinco categorias definidas por Wanderley (2001) para a constatação da dimensão rural no objeto de sua pesquisa, com as modificações introduzidas por Lindner (2012), definiram-se os seguintes aspectos para análise das relações entre o rural e o urbano no bairro de Lomba Grande, em Novo Hamburgo-RS, a saber: Lomba grande e sua história; O processo de crescimento; O “rural” em Lomba Grande; Modos de vida da população local – cronologia do tempo e Tradições. Essas categorias levam em consideração os seguintes atributos:

- Lomba Grande e sua história: aborda a análise acerca da constituição e trajetória do bairro para compreender a cultura dessa localidade.
- O processo de crescimento: consiste em entender a relação do bairro de Lomba Grande com a agricultura e, posteriormente, com a cadeia de hortifrutigranjeiros e as situações de conflitos ocasionadas pelo seu crescimento.
- O “rural” em Lomba Grande: refere-se à investigação sobre as características rurais de seu território.
- Modos de vida da população local- cronologia do tempo: compreender o dia a dia dos habitantes desse bairro, por meio da análise de suas rotinas.

*Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território
Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 9 a 11 de setembro de 2015*

- Tradições: identificar os costumes e como eles são manifestados por essa população.

3 RESULTADOS

O estudo foi realizado em Lomba Grande, um bairro pertencente a Novo Hamburgo, cuja população residente na localidade é de seis mil e trezentos e nove habitantes, de acordo com o último censo demográfico (IBGE, 2010). Na figura 1, destacada em vermelho, confere-se a localização do lugar investigado.

Figura 1 – Mapa bairro Lomba Grande



Fonte: Google Maps (2015)

3.1 Lomba Grande e sua história

Tudo começou em 12 de abril de 1846, quando o município de São Leopoldo desmembrou-se de Porto Alegre, elevando-se à categoria de Vila. Em 1934, a relação dos distritos que formavam São Leopoldo incluía Lomba Grande, que foi instituída pelo **Ato Intendência nº 39**, datado de 22 de dezembro de 1904. Esta, portanto, é a data oficial de fundação de Lomba Grande. Já em 02 de janeiro de 1940, Lomba Grande passou a ser um distrito de Novo Hamburgo². A conquista desse território foi muito comemorada pelos hamburguenses da época, conforme verifica-se na figura 2.

² MULLER, TELMO. **Colônia Alemã – Histórias e Memórias**, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/ Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

Figura 2 – Capa do jornal 05 de Abril



Fonte: Martin Behrend (2015)

A figura 2 apresenta a capa da edição de 26 de janeiro de 1940 do jornal “O 5 de Abril”, na qual foi destacada a obtenção do distrito de Lomba Grande por Novo Hamburgo, fato que se mantém até os dias atuais.

Uma curiosidade recorrente é a nomenclatura dessas terras, anteriormente ao nome de Lomba Grande. De acordo com registros de Müller *et al* (1998), o primeiro nome foi **Atrás da Feitoria**, em razão de que os imigrantes alemães, em São Leopoldo, estabeleceram-se na Feitoria (Real Feitoria do Linho Cânhamo). “No ano de 1839 lê-se pela primeira vez, no Registro de Óbito o nome ‘Comunidade de Lomba Grande’, pois antes só se dizia – ‘atrás da Feitoria’” (MULLER *et al*, 1998, p. 13).

Outro dado interessante reside no porquê do nome Lomba Grande, embora não se saiba ao certo suas razões. Contudo uma das teorias existentes defende que o nome deve-se ao fato de que as pessoas vinham para uma cancha de carreira (corrida de cavalos) que era realizada em uma lomba grande, local onde se situa a Vila Brasília, na região do centro do bairro Lomba Grande.

De acordo com Braun (2012), Lomba Grande foi povoada antes da chegada dos primeiros imigrantes alemães, por portugueses e brasileiros, na maioria agricultores provenientes de Osório e Santo Antônio da Patrulha. Ele esclarece que Novo Hamburgo começou por duas localidades específicas: no bairro de Hamburgo Velho e no distrito de Lomba Grande. Pontua que este último se desenvolveu com a chegada dos alemães, ao que passou a ser conhecida como uma Colônia Alemã, incorporando em seus hábitos e costumes o que o imigrante trazia de sua terra natal. Aqueles que lá fixaram residência passaram a ser chamados de **alemão da colônia** e falavam o *Hunsrück* (dialeto falado da língua alemã).

Um dos hábitos de grande relevância eram as inaugurações de igrejas, que, segundo a tradição, deveriam ser comemoradas com uma festa de duração de três dias, chamada

Kirschweihfest. É dessa palavra que deriva o conhecido **Kerb**. Havia o *Kerb* evangélico e o católico, conforme a inauguração se referisse a uma igreja de uma ou outra confissão religiosa.

A primeira capela construída em Lomba Grande foi a da igreja evangélica, iniciada em 1835, trabalhos interrompidos em razão da Revolução Farroupilha e concluídos em 05 de março de 1848, data de sua inauguração. As negociações para a construção da primeira capela da igreja católica iniciaram-se em setembro de 1868, com a realização de uma reunião para tratar da obra, uma edificação em honra a São José, e que foi concluída apenas dois anos mais tarde, em 15 de novembro de 1870. Definiu-se, no entanto, o mês de setembro para a realização do *Kerb*, marcando a data de realização da reunião para construção da capela.

3.2 O processo de crescimento e as funções urbanas

Por ser uma localidade rural e que abrange 2/3 da área de terras do município de Novo Hamburgo (156,31 Km²)³, sua atividade principal era a agricultura. Ao longo dos cento e onze anos de sua existência, os colonos de famílias tradicionais de origem germânica que se estabelecerem em Lomba Grande acabaram formando pequenos núcleos de povoados no interior.

Hoje, o bairro de Lomba Grande é constituído pelas seguintes pequenas comunidades: Quilombo, Morro dos Bois, Taimbé, São João do Deserto, São Jacó, Santa Maria dos Caboclos, Santa Maria do Butiá, Passo dos Corvos, Passo do Peão e o centro.

Com a vocação para a plantação manual em pequenas propriedades pelos colonos, o setor de hortifrutigranjeiros começou a ganhar espaço, com o surgimento de importantes segmentos dentro dessa cadeia e que fizeram até mesmo com que a Secretaria Municipal de Agricultura de Novo Hamburgo instalasse sua sede no bairro Lomba Grande. Destacam-se alguns desses segmentos:

- A produção de farinha de mandioca teve um papel importante em um período de sua história, pois as plantações eram extensas e a farinha era fabricada em tafonas. Isso levou ao surgimento da Cooperativa Agrícola, com o objetivo de comercialização desse produto.
- As plantações de hortaliças, cujo acentuado crescimento deveu-se o fato de que muitas famílias passaram produzir tendo em vista a comercialização no Mercado Público de Porto Alegre.
- O setor de gado leiteiro, cuja produção acentuou-se com o início da venda para grandes empresas.

³ Site Prefeitura Municipal de NH.

- O incentivo à produção de peixes em açudes, complementando a renda dos colonos.
- A produção de produtos coloniais, como pães, cucas, doces, linguiças e embutidos, artigos que são comercializados na feira do produtor, a qual ocorre aos sábados pela manhã, no centro de Lomba Grande. Também são destinados artigos para comercialização em feiras de Novo Hamburgo e São Leopoldo.

Além dessa vocação agrícola, outro fator que contribuiu para o crescimento do bairro foi a sua localização geográfica. Ela possibilitou que muitos empresários de Novo Hamburgo, São Leopoldo e Campo Bom adquirissem chácaras, fixando residência no bairro, do que decorreu a pavimentação de muitas de suas vias de acesso, fomentando a visitação. Também a qualidade de vida oferecida pelo bairro muito contribuiu para essa migração, pois que ainda hoje é crescente a busca pela tranquilidade e beleza natural apresentada pela Lomba Grande.

Em todo o processo de crescimento, entretanto, surgem situações de conflitos que precisam ser resolvidas. Um exemplo claro disso foi a atuação firme da Associação de Moradores de Lomba Grande (AMOLOMBA) à descoberta de um projeto do Executivo que visava à construção de uma habitação popular e de um depósito de lixo no bairro, bem como à transferência do presídio municipal, instalado em bairro central de Novo Hamburgo, para a Lomba Grande. Não obstante a força demonstrada pela associação, um golpe duro foi o fracasso na tentativa de emancipação da Lomba Grande, ocorrido por intermédio de plebiscito ainda no ano de 1991. Conforme ata de apuração e proclamação da respectiva consulta plebiscitária lavrada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (1991), o resultado do certamente foi o seguinte: de um total de dois mil e novecentos e vinte e um eleitores inscritos, compareceram e votaram dois mil quinhentos e nove, tendo sido computados mil e oitenta votos a favor da emancipação e mil e trezentos e noventa e nove votos contra, além de trinta votos brancos ou nulos. No ano de 1995, projeto de lei visando à realização de novo plebiscito (PL 215/1995) foi vetado pela Assembléia Legislativa.

3.3 O “rural” em Lomba Grande

O Dicionário Houaiss (2008, p. 2.483) assim define a palavra “rural”: “relativo a ou próprio do campo; situado no campo; campestre, agrícola, rústico. Que ou aquele que se ocupa na vida agrícola”. O conceito, como se percebe, pode muito bem ser utilizado para definir a localidade de Lomba Grande.

Com passar do tempo e o aumento da população, entretanto, a pressão por mais áreas de terra para moradia e a possibilidade de implantar projetos industriais estavam

ameaçando essa definição de rural. Surgiram, então, algumas dúvidas, merecedoras de reflexão. Passou-se a questionar qual era o sistema que Lomba Grande queria adotar, qual era a fórmula para melhorar a vida de cada um de seus moradores, se o melhor projeto de futuro era seguir o rumo de crescimento exacerbado da vizinha Feitoria, bairro de São Leopoldo, com todas as mazelas que disso decorre, ou se o caminho era buscar um meio de se manter fiel às suas origens, de localidade interiorana, matendo sua estreita ligação com a natureza.

A resposta foi ditada pela vocação de cada uma das famílias tradicionais que criaram raízes no lugarejo, caracterizadas pelo amor à terra em que nasceram e pela luta contra o crescimento desenfreado. Essa íntima conexão com a natureza determinou que se buscassem novas alternativas de desenvolvimento, fazendo emergir as potencialidades da localidade, que são muito bem evidenciadas pelo turismo rural.

Aqui, cabe ressaltar a iniciativa e a participação fundamental do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS), que, em parceria com a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, implementou o projeto denominado “Caminhos do Vale e do Roteiro Turístico Caminho das Artes”.

A execução desse projeto deflagrou uma nova estruturação da região com vistas à visitação, com a organização dos espaços de lazer já existentes (campings, sítios, balneários e colônias de férias), ou seja, utilizou-se da propícia infraestrutura apresentada por Lomba Grande para recebimento de turistas, aprimorando-a, e assim possibilitando o máximo proveito de suas belezas naturais.

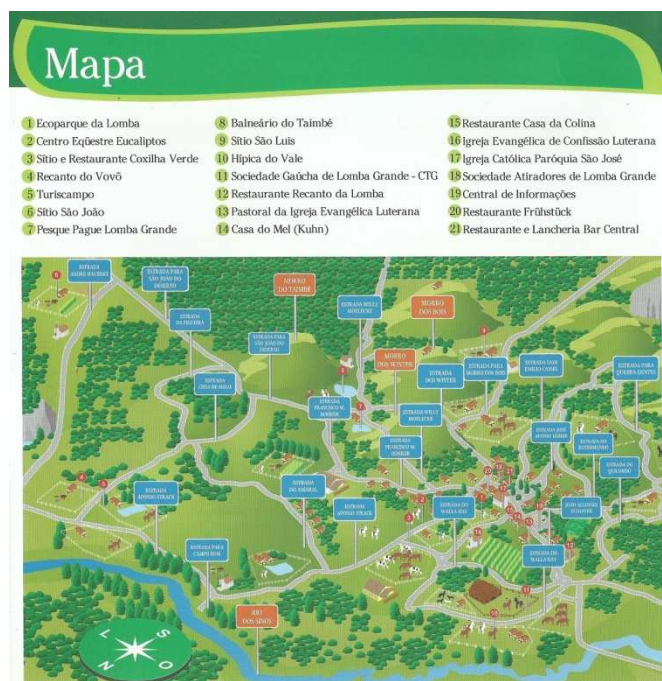
Com sua consolidação, várias ações foram efetivadas, tais como a criação e divulgação da logomarca, que bem traduz a vocação do bairro, e a elaboração e a distribuição de material publicitário que continha um mapa completo de Lomba Grande, no qual constam os nomes das estradas, localização dos balneários, dos sítios de lazer e das agroindústrias familiares, apontamento de roteiros para cavalgadas e de roteiros ciclísticos, opções de gastronomia e os principais locais turísticos, como a Sociedade Gaúcha de Lomba Grande e a centenária Sociedade Atiradores de Lomba Grande. As informações são representadas pelas figuras 3 e 4.

Figura 3 – Logo e slogan de Lomba Grande



Fonte: Folder do projeto Caminhos do Vale (2015)

Figura 4 – Mapa de Lomba Grande com os as atrações turísticas



Fonte: Folder do projeto Caminhos do Vale (2015)

É importante destacar que o slogan dos materiais de divulgação, “Lomba Grande – Turismo Rural – O seu encontro com a natureza”, também representou um reencontro da comunidade local com suas origens.

Sublinha-se que esse projeto do SEBRAE/RS previa em uma de suas cláusulas que a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo deveria investir uma pequena contrapartida financeira para sua execução. Contudo, quando da troca de governo, com a entrada dos novos prefeito e secretário de agricultura, no ano de 2005, o projeto foi descontinuado sob a alegação de que sua renovação seria muito onerosa. A decisão foi lastimada pela

Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 9 a 11 de setembro de 2015

comunidade de Lomba Grande, pelo desserviço que representou ao desenvolvimento do local.

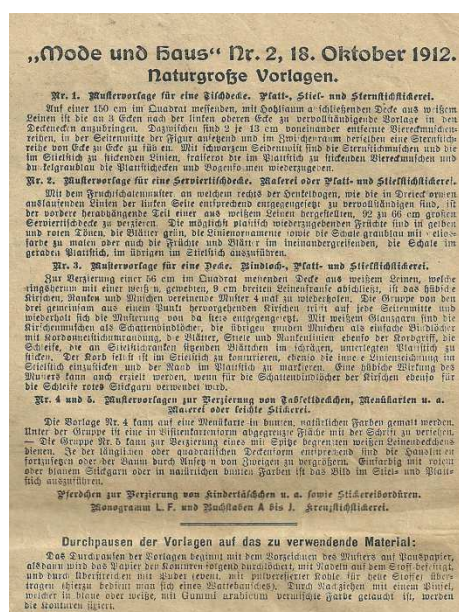
3.4 Modos de vida da população local- cronologia do tempo

Para representar a rotina do morador de Lomba Grande na década de 1920, utilizaram-se trechos extraídos do livro “Colônia Alemã – Histórias e Memórias”, de Telmo Lauro Muller (1978), que muito bem retrata a simplicidade da vida de uma família daquela época.

Na visão do autor, a vida do colono apresentava um itinerário bem definido e bastante simples, que pode assim ser resumido: levantar antes das seis horas; levar-se e pentear-se; chimarrão; café; trato dos animais caseiros; trabalho na roça até o meio-dia, sinalizado pelo sino da igreja; almoço; sesta; novo turno na roça, até o raiar do sol; retorno para casa; trato das vacas, galinhas e porcos; higiene, consistente em uma boa lavada geral numa gamela cheia d’água e troca das roupas; roda de chimarrão com os filhos, com eventual auxílio nas atividades escolares deles; jantar, lá pelas vinte e uma horas; e, finalmente, recolhimento aos seus aposentos.

O que restava para a família? Praticamente, um pequeno papo à luz do lampião ou a leitura de um trecho de que foi, por longos anos, o alimento espiritual da colônia: os almanaques e os jornais em alemão, conforme demonstrado por meio da figura 5.

Figura 5 – Trecho do jornal escrito em gótico alemão.



Fonte: Acervo particular de Aurélio Strack (2015)

Hoje, decorridos noventa e cinco anos do relato acima, é substancial a diferença. Nota-se que, com a mecanização dos implementos agrícolas nas propriedades, a vida dos produtores e de seus familiares tornou-se muito melhor. Uma gama de novas tecnologias vem sendo implementadas no plantio e na produção, contribuindo para o aumento na qualidade de vida dos agricultores. Mesmo assim, em razão da transmissão de valores de geração a geração, ainda é possível perceber a necessidade de utilização de mão-de-obra e de muito trabalho para “tirar da terra” o sustento.

3.5 Tradições

Um dos eventos mais tradicionais é a “Carreteada da Lomba”. Essa atividade anual é organizada pela Associação Amigos Carreiros de Lomba Grande. O objetivo é, por meio do desfile das carretas de boi pelo cento de Lomba Grande, reviver um meio de transporte muito utilizado nos primórdios da colônia. A figura 6 ilustra a concentração do grupo, que se desloca até o parque de Rodeio da Sociedade Gaúcha de Lomba Grande, onde ocorre o acampamento. É um movimento no qual as famílias de colonos encontram-se e interagem. Como forma de incentivar a participação da comunidade no evento, são premiados o carreteiro mais idoso, o mais jovem, a junta de boi mais pesada, a carreta mais original, entre outros.

Salienta-se que, neste ano, ocorreu a décima segunda edição da carreteada, contando com duzentas e cinquenta e cinco carretas de boi na atividade⁴.

Figura 6 – Concentração para a XI Carreteada da Lomba, 01 e 02/03/2014



Fonte: Acervo particular de Aurélio Strack (2015)

⁴ Dado transmitido pelo organizador do evento.

Também a tradição gaúcha tem seu contexto muito forte marcado na história, por meio da Sociedade Gaúcha de Lomba Grande, que foi fundada em 31 de janeiro de 1938, por vinte e dois descendentes de imigrantes alemães. A quinta entidade mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul promove, anualmente, seu Rodeio Crioulo Interestadual, que, em 2014, atingiu sua 30ª edição, com o objetivo de cultuar e preservar as tradições gaúchas.

Outro evento é a “Festa do Colono”, organizada pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. Enfatiza-se, com pesar, que, a cada ano, ela vem enfraquecendo, pois que não há efetivo engajamento e envolvimento da população da Lomba Grande em sua organização. A conclusão é evidenciada pela fala de um dos moradores: “Essa festa está perdendo suas raízes”.

Considerações finais

Identificou-se que o bairro Lomba Grande procura manter de forma harmoniosa a relação entre rural e urbano; entretanto, em razão de sua história, cultura e tradições, inclina-se para o meio rural. É perceptível que o bairro atingiu um conceito inestimável entre a população de outras localidades, em razão das suas peculiaridades de área rural. É nítido, também, o número reduzido de estabelecimentos comerciais no bairro, havendo a necessidade, conforme o produto ou o serviço de interesse, de deslocar-se ao centro de Novo Hamburgo ou São Leopoldo para usufruir deles.

Além disso, fica evidente que a população almeja o desenvolvimento do bairro, mas deseja que isso seja feito de forma muito bem planejada e com o envolvimento e comprometimento de todos os atores (sociedade, poder público e iniciativa privada) em prol de Lomba Grande.

Percebeu-se, com o estudo realizado, o orgulho que as famílias tradicionais e os moradores mais antigos possuem de Lomba Grande. Eles buscam manter acesas as tradições e a cultura de seus antepassados em sua rotina, ações ou festas. Isso retrata que, mesmo com a “modernização” da localidade, procura-se manter o “rural”, organizando-se o espaço com atenção às necessidades e valores de sua população.

É importante, entretanto, que os “novos moradores” do bairro respeitem e compreendam a importância do patrimônio cultural de Lomba Grande, ou seja, os objetos, crenças, valores, linguagem e lugares que são importantes para a comunidade e que a caracterizam.

Sugere-se a retomada do projeto “Caminhos do Vale e do Roteiro Turístico Caminho das Artes”, visto que foi uma excelente iniciativa para impulsionar o turismo rural em Lomba Grande, utilizando as potencialidades da localidade, em especial suas belezas naturais, oportunizando novas fontes de renda para a população, por meio do artesanato, produções artísticas e áreas de lazer. Em suma, proporcionando uma relação ritmada entre desenvolvimento e meio ambiente.

Com os conhecimentos oriundos da análise realizada, constata-se que Lomba Grande ainda pode ser considerada como um bairro “rural”. Adequações foram necessárias para melhor atender às conveniências de sua população, mas não se perdeu a essência do campo, singularidade muito apreciada nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA:

<http://www.acervomemorial.al.rs.gov.br/index.php/encaminha-ata-de-apuracao-e-proclamacao-com-o-resultado-final-da-contagem-dos-votos-relativos-consulta-plebiscitaria-realizada-em-lomba-grande-pertencente-ao-municipio-de-novo-hamburgo>, acesso em 10/05/2015.

BRAUN, FELIPE KUHN. **Novo Hamburgo da fundação à emancipação política 1824- 1927**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

CAMPANHOLA, CLAYTON; SILVA J.G. **Desenvolvimento Local e Democratização dos Espaços Rurais**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 17, n. 11-40, jan./abr. 2000.

FAVARETO, ARILSON. **Estudo da Dimensão Territorial do PPA**. Estudos Prospectivo e Temáticos- Módulo 4. Tema: Desafios da relação Urbano – Rural. Nota Técnica. Brasília, 2006.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOUAISS, ANTÔNIO; VILLAR, MAURO DE SALLES; FRANCO, FRANCISCO MANOEL DE MELLO. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JUNG, CARLOS FERNANDO. **Metodologia para pesquisa & desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

LINDNER, MICHELE. **A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: São José do Polêsine**. RS. Revista Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set/dez. 2012.

MÜLLER, TELMO LAURO. **Colônia Alemã: histórias e memórias**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/ Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

MÜLLER, TELMO LAURO. **Colônia Alemã: Imagens do passado**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

MÜLLER, TELMO LAURO *et al.* **Sesquicentenário da Igreja Evangélica de Lomba Grande**. 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO:

(<http://pmnh.novohamburgo.rs.gov.br/modules/catasg/novohamburgo.php?conteudo=472>), acesso em 17/04/2015.

PRODANOV, CLÉBER CRISTIANO; FREITAS, ERNANI CESAR DE. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUA, JOÃO. **Urbanidades no Rural: o dever de novas territorialidades**. Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SILVA, JOSÉ GRAZIANO DA; GROSSI, MAURO DEL; CAMPANHOLA, CLAYTON. **O que há de realmente novo no rural brasileiro**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 19, n.1, p.37-67, jan./abr. 2002.

VEIGA, JOSÉ ELI DA. **Mudanças nas relações entre espaços rurais e urbanos**. In: PIQUET, ROSELIA. Economia e Território no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

WANDERLEY, Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural e Estudo Preliminar sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco. Brasília, NEAD/MAD, 2001.

WANDERLEY, MARIA DE NAZARETH BAUDEL. **A emergência de uma nova ruralidades nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Estudos e Sociedade e Agricultura: Revista semestral de ciências sociais aplicadas ao estudo do mundo rural. Rio de Janeiro, n. 15, p. 87 – 145, out. 2000.